

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 35**

**2016**

**Nº 211**

**NOVEMBRO DEZEMBRO**

*Não aderimos ao último acordo ortográfico*

Propriedade, Administração,  
Página  
Redacção, Composição e  
Impressão :

Índice

Calçada do Tojal, 95, s/c  
1500-592 Lisboa  
Telefone : 217 647 441

\*

Director Responsável :  
Manuela Vasconcelos

\*

Tiragem : 150 exemplares  
Distribuição Gratuita

\*

Registo nº.211720

<b>Editorial</b>	<b>2</b>
<b>Mensagem de Bezerra de M.</b>	<b>5</b>
<b>Eles estão vivos!</b>	<b>7</b>
<b>Sobre a vida</b>	<b>9</b>
<b>Quando eu morrer...</b>	<b>11</b>
<b>Jesus e Kardec, sempre!</b>	<b>13</b>
<b>Belas histórias = a cem anos</b>	<b>16</b>
<b>A conquista da paz e da ...</b>	<b>22</b>
<b>O acendedor de Lampiões</b>	<b>25</b>
<b>Outra vez Natal!</b>	<b>27</b>
<b>Confissão</b>	<b>30</b>
<b>Não podia nascer mais pobre</b>	<b>31</b>
<b>Feliz Natal!</b>	<b>36</b>

\*

## EDITORIAL

Os dois últimos meses foram de muitos acontecimentos, que vamos tentar referir, começando com a transcrição – e perdoem-nos não usarmos palavras novas para o mesmo assunto – do que já comentámos numa das páginas do nosso site, sobre o CEI, onde estivemos presente. Ei-las:

### *“... e o Congresso aconteceu!”*

“É verdade, queridos irmãos, vivíamos uma expectativa grande, aguardando a realização do CEI, porque tínhamos assistido ao anterior, realizado na FIL de Lisboa em 1998, e queríamos viver, de novo, aquela euforia de que as ‘marcas’ provocadas pelos encontros entre espíritas amigos, conhecidos e desconhecidos – de que se fizeram amigos – ficaram em nós ao longo destes anos... e aconteceu... e não nos desiludimos!

“A Organização esteve impecável, desde a maneira como as pessoas eram orientadas para os seus lugares até à disposição das diversas mesas de vendas de livros, cada uma anunciada com uma foto do autor que ali seria encontrado... e o amparo àqueles que precisaram de auxílio também não falhou, como não falhou o lugar para os mais pequeninos, que os pais entregaram confiantes a quem deles tomou conta.”

As palestras foram estupendas embora nós, particularmente, excluíssemos uma das portuguesas por não ser um tema espírita e achássemos as outras duas demasiado fracas

para um Congresso; mas, tirando isto que, repetimos, é a nossa opinião particular, o Congresso valeu a pena e veio enriquecer-nos o Espírito, ávido de conhecimento. (Este parágrafo não consta do nosso site).

“Reclamações? Houve, é certo, mas delas a Organização não é responsável: referimo-nos àquelas pessoas que teimaram em terem os telemóveis ligados, apesar do pedido-recomendação feito logo no início, para que estivessem todos desligados; e àqueles outros que, sem respeito pelos oradores e pelos que os escutavam nos seus lugares, entravam e saíam sem se preocuparem com o barulho que faziam – como se estivessem nas suas casas... Para estes, falta ainda que alguém lhes ensine... disciplina e respeito pelo próximo!

E porque consideramos válidas todas as horas ali vividas – e o final apoteótico que a todos comoveu e emocionou – atrevemo-nos a pedir à Federação Espírita Portuguesa, a nossa Federação, que não se descuide e atempadamente acalente com quem de direito um novo CEI em Portugal! Este demorou 18 anos a acontecer: talvez, previamente marcado, possa surgir o terceiro num prazo mais pequeno! Esperemos que assim seja...”

Na palestra de encerramento, feita pelo médium Divaldo Pereira Franco, a audiência foi brindada com uma mensagem do Espírito Bezerra de Menezes, que transcreveremos no final deste editorial, e dali saímos todos, ainda emocionados pelas palavras escutadas e pelo final musical, que nos foi oferecido pelo barítono baiano Maurício Virgens, que parecia transmitir-nos, a todos, alegria e mais vida – não fosse ele o Hino da Alegria!

\*

Passando as páginas do calendário, depois do Congresso acontecido, chegámos ao 1 de Novembro – dia de finados, dia dos mortos! E quando escutamos a referência a este dia, precisamente como sendo o do dia dos mortos, lembramo-nos de imediato de Jesus naquela Sua recomendação: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos!...”

Quem são, afinal, os mortos?

Os que partiram para o outro lado da vida – o nosso verdadeiro mundo – onde continuam a viver, a sentir e a perceber o que fazerem para melhor e mais rapidamente evoluírem antes de voltarem à Terra – eles e nós, os verdadeiros extra-terrestres porque não pertencemos aqui! -, ou aqueles que apenas se preocupam com a vida enquanto na matéria? A estes se referia Jesus... e nós, na nossa maneira de sentir pensamos que, realmente, quem parte só está morto quando deixa de ser recordado por aqueles que ficaram para trás mas que seguirão um dia, mais tarde ou mais cedo, o mesmo caminho de quem primeiro “fez a viagem”.

Temos, também, uma mensagem de Emmanuel, na psicografia de Francisco C. Xavier, na qual aquele querido Espírito nos afirma que “eles estão vivos!”

\*

E porque neste número lembramos ainda o Natal que está quase, quase a acontecer, teremos também referências ao Divino Amigo – Aquele que nos afirmou que ficaria connosco até ao final dos tempos! – e palavras curiosas de um ou outro autor que descobrimos, na nossa ideia de darmos, sempre, aos nossos leitores artigos interessantes, aliciantes e que, de uma ou outra maneira nos ensinam... aquilo que não sabemos ainda ou que, por

termos sabido há muito tempo, já esquecemos! Esperemos que apreciem.

## *A DIRECÇÃO*

\*

### **MENSAGEM DE BEZERRA DE MENEZES**

A concluir a palestra com que o médium espírita brasileiro, Divaldo Pereira Franco, estava encerrando aqueles três dias do CEI, no final da manhã de 9 de Outubro a assistência notou, de repente, uma transformação no rosto do instrumento mediúnico, enquanto a sua voz se fazia ouvir, num tom um pouco mais baixo, para nos transmitir:

“ Deveremos converter-nos em chamas vivas, para que nunca mais haja escuridão na Terra. É necessário que o nosso amor se transforme em esperança e alegria.

“ Há tanta dor esperando por nós, tantas lágrimas a enxugar, tanto sofrimento, que temos vergonha de sermos felizes.

“ Espíritas, meus filhos, transformai as lições profundas da Codificação Espírita numa directriz de segurança, para encontrar-lhes a plenitude!

“ Nós, aqueles que atravessamos o portal de cinza e de lama de que se constitui o corpo, voltamos para dizer-vos: amai a vida em todas as expressões. Porfiai no Bem e, crede, o Cristo vive. A morte é, nada mais, que a transformação de moléculas que

voltam à química original do sub-solo, para novas conjugações atómicas. O Amor, à luz da caridade, é o maior tesouro que podemos carregar.

“ Onde estejais, que brilhe a Luz do Senhor e que todos saibam que sois irmãos uns dos outros, diferindo a verbalização idiomática, o nascimento no solo, o endereço, mas só uma Pátria: a Pátria da Fraternidade. Uni-vos – porque unidos no Amor sois uma força indestrutível, mas separados sereis vencidos pelas próprias paixões, e procurai levar, sem temor, a mensagem da Vida Eterna. Não tendes mais as arenas nem as cruces, nem os empalamentos nem as fogueiras, mas tendes as paixões internas a vencer.

“ Os Espíritos espíritas deste Congresso, em nome de Léon Denis que patrocina o evento mundial, por intermédio deste servidor suplica a Deus que a todos nos abençoe e nos guarde. Muita paz!

“ O servidor humílimo e paternal de sempre,

***BEZERRA***”

(Esta mensagem foi-nos gentilmente cedida por Victor Móra Féria, Presidente da Federação Espírita Portuguesa, a quem agradecemos a oportunidade de aqui a podermos doar a todos os nossos leitores).

\*

## **ELES ESTÃO VIVOS!**

Ainda quando não reconheças, de pronto, semelhante verdade, eles te vêem e te escutam!

Quanto possível, seguem-te os passos compartilhando-te problemas e aflições.

Compadece-te dos que te precederam na Grande Renovação! Aqueles que viste partir de mãos desfalecentes nas tuas, doando os derradeiros pensamentos terrestres através dos olhos fitos nos teus, não estão mortos. Entraram em novas dimensões de existência, mas prosseguem de coração vinculado ao teu coração.

Assinalam-te o afecto e agradecem-te a lembrança; no entanto, quase sempre se escoram na tua fé, buscando em ti a força precisa para a restauração espiritual que demandam.

Muitos deles, ainda inadaptados à vida diferente que são compelidos a facear, pedem serenidade à tua coragem e apoio ao teu amor... Outros, muitos, jazem mergulhados na bruma da saudade, detidos na sêde do reencontro, ante as requisições continuadas dos teus pensamentos de angústia.

Outros, muitos, seguem-te ainda. Aqueles que se despediram de ti, depois de longa existência, abençoando-te a vida... Os que amaste, indicando-lhes o caminho para as esferas superiores... Os que levantaste para a luz da esperança e aqueles outros que socorreste um dia, com o ósculo da amizade e da beneficência. Todos te agradecem, estendendo-te os braços no

sentido de te auxiliar a transpor as estradas que ainda te cabem percorrer.

Auxilia os entes queridos na espiritualidade, a fim de que te possam auxiliar!

Se lhes recordas a presença e o carinho, preenche o vazio que te impuseram à alma, abraçando o trabalho que terão deixado de fazer. Sê a voz que lhes reconforte os seres amados ainda na Terra, a força que lhes execute o serviço de paz e amor que não terminaram, a luz para aqueles que lastimam a ausência em recantos de sombra, ou o amparo em favor daqueles que desejariam continuar sustentando no mundo!

Compadece-te dos entes queridos que te antecederam na grande libertação!

Chora, porque a dor é forte e é fonte de energias renovadoras por dentro do coração, mas chora trabalhando e servindo, auxiliando e amando sempre!

E deixa que os corações amados, hoje no mais Além, te enxuguem as lágrimas, inspirando-te acção e renovação, porque no futuro, tê-los-ás a todos, positivamente contigo, nas alegrias no novo despertar.

*EMMANUEL*

(Mensagem psicografia pelo médium brasileiro, Francisco Cândido Xavier, e recuperada do ‘Seareiro Espírita’, via internet).



## **SOBRE A VIDA**

Não há melhor ocasião de pensar sobre a vida do que quando nos encontramos num sepultamento.

Dias atrás, por ocasião do falecimento de um conhecido, acompanhei o féretro à necrópole, e pus-me a pensar no sentido da vida ao ver a plaquinha rectangular que resumia, em simples duas linhas, toda a existência da pessoa que havia vivido por sessenta e seis anos e agora habita aquela cova coberta por grama verde. Ao alto, o nome e na linha abaixo as datas de seu nascimento e falecimento. Digo que “agora habita” por força de expressão, pois acredito que o corpo seja apenas a matéria que serve de veículo para o espírito que, como o vento, “sopra para onde quer.”

Uma vida inteira de vitórias e derrotas, sonhos e pesadelos, risos e choros, fartura e miséria, alegrias e tristezas, resumidas em míseras duas linhas. Para quem conheceu a pessoa, como seus parentes mais próximos que conviveram diariamente em sua companhia, este epitáfio é o suficiente para que plasmem na lembrança um pensamento sobre o falecido, mas mesmo assim de uma forma restrita, jamais com a profundidade de detalhes que somente o finado poderia relatar. E para os seus netos e gerações vindouras, será uma pessoa quase desconhecida que, quando perguntados sobre ela, resumirão seus laços no grau de parentesco que os uniu e, talvez, uma ténue imagem de uma circunstância qualquer que tiveram juntos e que os marcou.

Façamos um teste: tente aguçar a memória e fale de seus avós e de seus pais, na razão dos anos de vida que eles tiveram antes, durante e depois que você nasceu.

Agora vem a parte do esmiuçamento do meu pensamento. Sabendo do fim certo que todos nós teremos, com o resumo da vida inteira que viveremos simplificada em duas linhas, e considerando o esquecimento total de nossa existência na, digamos, segunda geração, porque a humanidade continua a dar maior valor para coisas que não acrescentam em nada ao seu ser, gasta mais energia em possuir do que em construir, destrói princípios de conduta, corrompe a alma, esmaga os adversários reais e imaginários, menospreza os que julga menores!

Qual a razão que dirige o ser humano para se auto-destruir e levar consigo quem esteja perto, inclusive familiares consanguíneos, na força centrípeta voraz do egoísmo que gera ao seu redor, pelos seus actos e desejos?

Por isso, talvez seja melhor a vala comum, sem a lápide decorando a morada, pois quando o coração parar de bater, os olhos não mais captarem a luz, os pulmões não mais inflarem, o sangue não mais correr, as veias secarem, a pele esfriar, o som sumir, o verme vencer, o corpo inerte se desfizer, ficará somente a vaga lembrança da nossa passagem pelos vivos, calcada nas obras que deixarmos, sejam boas ou ruins, construtivas ou destrutivas, de poder ou humildade, de descendência ou de literatura, de amor ou de ódio.

***MARCO ANTÓNIO STANOJEV PEREIRA***

(Transcrito do jornal 'Itaquera em Notícias' nº. 642, de 30/9 a 6/10/2016, com distribuição gratuita, que nos foi enviado fraternalmente pelo autor do artigo).

## QUANDO EU MORRER...

Quando eu morrer, não chorem por mim:

A morte não é o fim!

A chamada do Senhor

Libertou-me de mais dor

E de maior sofrimento,

E a morte acontecida

Não tem um só senão:

- Foi a libertação!

Quando eu morrer não vão logo dizer:

-“ Coitada! Lá se acabou...”

Porque a Vida não findou:

Continua... eterna, infinda!

Ouçam todos vós que pensam ainda

Ser esta a vida melhor:

Morrer não é desaparecer!

É acabar uma encarnação

Mas continuar a viver

Tal o livro que se iniciou,

E que quando acabou

Se pôs de lado... mas continuou

No contexto que transmitiu...

Morrer é continuar a viver,

Sonhar e amar, noutra dimensão!

Quando eu morrer, a morte é libertação!

Talvez... o esvair de um sonho vão,

Mas a paz também

Quando a consciência nos diga que soubemos viver

Para Deus, o Próximo, o Bem...

Quando eu morrer, fiquem felizes por mim!

Dêem ao meu corpo finado

As honras do acabado,  
Mas vibrem de alegria e paz!  
Aquele que “ali jaz”  
Não sou eu!, que adejo, liberta,  
Talvez ao vosso lado, talvez  
Cortando o espaço infindo,  
Procurando o meu lugar!  
(Se eu morri foi porque vivi,  
Deus chamou-me... e eu parti!)...

Então... quando eu morrer, não chorem por mim!

Façam apenas uma prece  
E a oração, nas palavras que tece,  
Dirá da vossa fé na minha libertação  
Durante a invocação!  
Quando eu morrer, não chorem por mim:  
- A morte não é o fim!

**MANUELA VASCONCELOS**

\*

***“Somos seres divinos, passando por uma experiência Terrestre, à semelhança do Cristo.” – Papa Francisco***

\*

## **JESUS E KARDEC, SEMPRE!**

O precioso legado com que Allan Kardec legou a Humanidade, em nome de Jesus, preparando um futuro melhor, deve ser preservado mesmo que sob o sacrifício dos verdadeiros espíritas.

Não que ele fosse um homem indemne a defecções e a sua Obra estivesse livre de equívocos. Missionário, porém, desde cedo manteve uma recta conduta e uma vida inatacável, fazendo-se caracterizar pela correcção de atitudes em todos os cometimentos, trabalhando com afinco e estudando incessantemente.

Sem os arrebatamentos juvenis ou as instabilidades neuróticas, fez-se conhecido pela lógica defluente da razão e pelo bom senso no exame das questões que lhe eram apresentadas.

A Doutrina, por sua vez, ditada pelos Espíritos, foi cotejada com a cultura vigente, superando o conhecimento de então, por estar programada para o servir, sendo oportuna na sua época. Reexaminada várias vezes, foram corrigidos ou mais bem formulados os ensinamentos recebidos dos Mensageiros Espirituais, ficando definida conforme as suas próprias palavras na 3ª edição que sucedeu ao lançamento de ‘O Livro dos Espíritos’.

Não ficava, entretanto, concluída, porque “marchando com a ciência, aceita todas as informações que aquela comprova”, estando aberta a rectificações, se for o caso, e a desdobramentos, como se faz indispensável, quando ocorrerem novas revelações confirmadas pelo critério da ‘universalidade do ensino’ compatível com a cultura científica de então...

Por isso, **estudar Kardec para conhecer e divulgar o Espiritismo, é o compromisso de hoje, que nos devemos impôr os encarnados e os desencarnados.**

Como toda a revelação é gradativa, as lições kardequianas quanto mais estudadas, melhor se fazem compreendidas em face do maior entendimento de quem as examina.

Ainda perduram, em muitos arraiais espiritualistas, a injustificável confusão entre mediunismo e Espiritismo, que Allan Kardec definiu com admirável brilhantismo, situando cada coisa no seu devido lugar. Igualmente, insiste-se em confundir desequilíbrios nervosos, distonias emocionais, com fenómenos mediúnicos que carecem de legitimidade, bem dissociados por Allan Kardec quando aprofundou a análise deles, no capítulo da obsessão e da loucura.

Permanecem intencionais propostas de que espectáculos de charlatanismo e exibição de mediunidade que chamam a atenção, sejam da responsabilidade do Espiritismo, quando, no entanto, **Allan Kardec ofereceu uma Doutrina de equilíbrio, discrição, objectivando sobretudo, a transformação moral do indivíduo.**

Doutrina Espírita, na visão de Allan Kardec é compromisso superior para com a vida, mediante o respeito à vida, numa conduta viva e actuante quanto exemplar. Eis por que Espiritismo e Cristianismo são termos da mesma equação da vida.

A investigação da imortalidade sem a filosofia estruturada na moral cristã, não vai além de quesito parapsicológico, destituído de ética, qual ocorreu com a pesquisa metapsíquica ora relegada a plano secundário. Por sua vez, a filosofia sem o apoio

do facto mediúnico torna-se expressão espírita sem Espíritos, corpo sem alma...

À religião espírita coube a tarefa de unir a fé à ciência e esta à filosofia, numa tríade perfeita e inseparável. Assim considerando, Kardec cumpriu Jesus, conforme o Mestre vitalizou a Obra de Moisés, na Lei antiga e dos profetas que O anteciparam.

As três revelações: a Lei, o Amor e a Reencarnação confirmada pelos Espíritos, ou Moisés, Jesus e Kardec, tornam-se as mais importantes da Humanidade, respeitando, simultaneamente, todas as outras que se lhe fazem subsidiárias, confirmando a paternal assistência de Deus às Suas criaturas em todas as épocas.

**Conhecer, portanto, Allan Kardec para melhor se compreender Jesus;** viver conforme a directriz de Allan Kardec mais facilmente se sentirá Jesus; ensinar com a metodologia de Allan Kardec a fim de se seguir com Jesus, trabalhar com a fidelidade e persistência de Allan Kardec para mais viver Jesus...

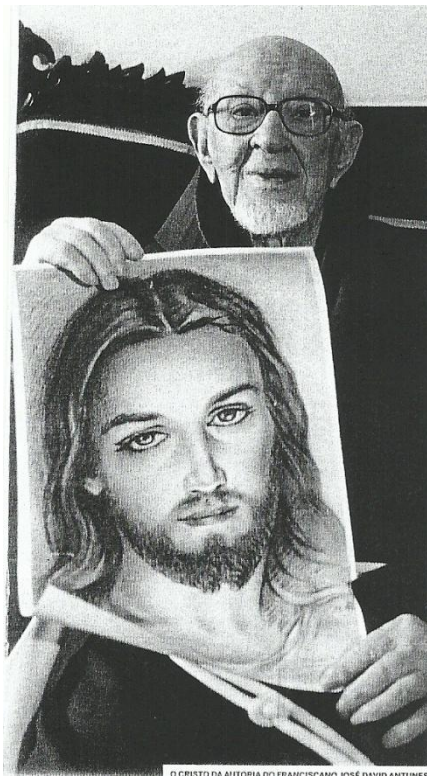
Em qualquer circunstância a opinião de Allan Kardec é seta apontando rumo seguro para a chegada em triunfo à meta anelada. Jesus e Kardec ontem, hoje e amanhã.

### ***BEZERRA DE MENEZES***

(In: SEARA DO BEM, psicografia de Divaldo P. Franco; ed. Leal, 1984, cap. 22, pgs. 95-98. Texto gentilmente enviado por Rogério Coelho, de Mauriaé, Minas Gerais ~, Brasil, a quem agradecemos o gesto).

## BELAS HISTÓRIAS TÊM CEM ANOS

O Padre David Antunes, frade franciscano, completou um século de vida. A rir à gargalhada.



Como escreveu numa célebre nota autobiográfica o grande mestre Giovanni Papini, “não tive infância, sou um homem qualquer, sou um homem sem história.” É isso, sou um homem sem história e por isso admira-me muito o vosso interesse em vir falar comigo.



Este “homem sem história” é o padre franciscano da Ordem dos Frades Menores, José David Antunes, que na passada segunda feira (5/9) completou 100 anos de idade.

E, atendendo ao intróito, cabe aqui perguntar como é que um homem que chega aos 100 anos, com tão longa vida, não tem história? “A vida pode ser longa e não valer nada. A minha, se valeu alguma coisa, foi graças aos meus amigos. Deve-se, aliás, a eles, o facto de eu ter chegado aos cem anos”, afirma, do alto da sua humildade, o frade mais franciscano de coração do que de hábito.

José David Antunes (abre parêntesis na conversa para pedir, com piada: escreva bem o meu nome, José David e não José da Vide) nasceu no centro da cidade de Leiria, a 5 de Setembro de 1916, quando a Grande Guerra ia a meio. Com apenas 10 anos, já com Salazar a assumir a liderança do País, entrou para o Seminário, onde logo se apaixonou por Francisco de Assis, que classificou como “o mais perfeito dos homens”.

Uma queda, há cinco anos, que lhe causou a fractura de uma perna, provocou algumas complicações à locomoção. Os passos estão mais lentos e a muleta já se tornou um auxiliar praticamente indispensável. O sacerdote aceita a ajuda, mas considera-a temporária e ultrapassável. “Estou a precisar de intensificar o exercício físico. A gente chega a uma idade em que tende a entregar-se à preguiça”, afirma o homem que, afinal, celebrou “apenas” cem anos.

“Quando nasci Deus disse-me: David, porque te vais esforçar por fazer alguma coisa de jeito, pega lá cem anos. Agora, que cá cheguei, deve dizer: Não fizeste nada de jeito, mas fizeste

algum esforço, por isso, pega mais cem”, explica, terminando com uma sonora gargalhada.

### **Precisamos de sorrir**

A boa disposição é uma das características deste religioso, amante das artes e das letras, que “gastou” mais de metade da sua longa vida a ensinar no colégio franciscano de Montariol, em Braga. Diz mesmo que a arte de saber rir é um dos maiores segredos da sua longevidade.”O quanto nós precisamos de rir e de sorrir, ninguém imagina. Neste tempo de vidas fechadas, de egoísmos e de tanta solidão, o que falta mesmo é rir. Precisamos muito de sorrir. E o que custa sorrir? O que custa?, pergunta o frade, lembrando que “quem não ri leva, inevitavelmente, uma vida triste.”

Esta alegria genuína corre-lhe nas veias. São poucas as frases que não terminam com uma gargalhada. E as histórias? Essas então, salvo raríssimas exceções, nunca são findadas de outra forma.

Sim, porque as histórias que esse grande contador de histórias conta, são quase todas para fazer rir. Aliás, um ensinamento por cada gargalhada é, na sua opinião, o sal de uma boa história.

A maioria dos seus antigos alunos, quase todos estudantes no Colégio de Montariol, lembram o padre David Antunes como o professor de desenho, o homem que desenhava, produzia e colocava as ornamentações de Natal, e como o frade que tirava as fotografias para as festas.

Foi sempre um homem fascinado pela imagem, tanto na pintura como na fotografia ou mesmo nas figuras de estilo criadas

pelas letras. Uma das actividades a que dedicou muito tempo da sua vida foi a tradução literária. Traduziu dezenas de obras a partir de vários idiomas, como italiano, francês, inglês, alemão ou castelhano.

Apesar disso, não se considera um poliglota. “Não, nem pensar. Consigo entender-me com pessoas que falam outras línguas e fiz, de facto, umas trações, quer dizer traduções (risos). Bom, devo dizer que na tradução fiz um trabalho sério e tentei, dentro das minhas limitações, ser o mais possível, fiel ao texto que me era apresentado.”

‘Rio Profundo’, do japonês Shusaku Endo, traduzido do inglês, ‘S. Francisco e D. Quixote, dois loucos necessários’, do castelhano José António Merino, ou ‘O coração do Pobrezinho’, do padre exorcista francês Max de Wasseige, são alguns dos exemplos de obras traduzidas para português pelo frade centenário.

“Não consegui uma obra, longe disso. Digamos que tenho uma obra tentada”, afirma, sublinhando, no entanto, que, embora se considere sobretudo “um emotivo, um instintivo”, possui, de facto, uma virtude interessante: “É verdade que tenho uma grande qualidade, de que me orgulho, que é o dom da admiração. Eu consigo, de facto, admirar a gratidão, a bondade e a caridade com que os meus amigos me acolhem, esse dom eu tenho-o. Olhe, sou um felizardo.”

### **Precisamos de sorrir**

O que hoje os amigos admiram no padre David Antunes é a sua forma física, mas, sobretudo, a sua frescura intelectual. É hoje, como sempre foi, um extraordinário contador de histórias.

Quando, nesta conversa com a ‘Domingo’, lhe perguntamos quais os pintores que mais admira, falou de El Grieco, de Giotto, e aqui, saltou uma história hilariante.

“Em relação ao Giotto há uma história que eu gosto muito de contar, mas não sei se posso...” Depois de garantida a protecção dos mais sensíveis, lá veio a história.

“O Giotto era um pintor genial, mas era muito feio. E os filhos eram ainda mais feios. Um dia, numa das visitas que frequentemente lhe fazia, o Dante ganhou coragem e disse-lhe que vivia intrigado com o facto de um homem que faz obras tão belas, quase divinas, ter uns filhos tão feios. Ao que o Giotto lhe respondeu: “É que eu pinto de dia e faço os filhos de noite.”

Aos cem anos de idade, este seguidor de S. Francisco de Assis, por quem diz ter-se apaixonado na infância e aumentado sempre a paixão ao longo da vida, afirma-se um amante do burlesco, do anedótico, do que faz rir.

Enquanto pintor e desenhador (é autor, entre outros, de um célebre retrato de Cristo, a lápis) contactou com muita gente famosa e com artistas de grande nomeada. Mas diz que nunca aprendeu nada, porque passava a vida a conversar.

“Olhe, estabeleci amizade, por exemplo, com o mestre Acácio Lino, só que não aprendi nada. Ele era um grande conversador, eu passava o tempo a ouvi-lo. Um dia, contou-me que foi para Paris, como bolseiro do D. Carlos, com o objectivo de aprender com o grande Adolphe Bouguereau. Sabia pouco francês e decorou umas frases. Perante o mestre, que tinha uma certa imponência, atrapalhou-se e começou a gaguejar. Nessa altura o

Bouguereau disse-lhe: ‘Vite, vite, vite, parece que ... je perd mil francs’ (depressa, depressa, porque ... eu perco mil francos).

Dono de uma admirável cultura e de uma inteligência rara, que só uma humildade maior ainda impediu que se tornasse um pintor famoso ou até um escritor reconhecido, o padre David Antunes realça sobretudo o facto de ao longo dos seus cem anos de vida, ter conseguido ser frade e fazer muitos amigos. “Foi graças a eles, aos meus irmãos e aos meus amigos, que cheguei até aqui. Faço cem anos, a eles o devo. Aliás, devo dizer-lhe que é isso que me comove e é isso que, na hora de partir, chorarei, a bondade e a amizade dos que comigo se cruzaram. O resto é efémero, pouco interessa. Eu sou o que está aqui à vista, que só vale o que a amizade dos outros permite.”

A festa do centenário do frade pintor teve duas fases: uma com amigos e antigos alunos e outra com a comunidade franciscana. Em ambas se comoveu e em ambas disse não ser merecedor de tanto reconhecimento.

(Artigo transcrito, com a devida vénia, do suplemento de domingo do Jornal Diário de Notícias, de 3 de Setembro do corrente ano devido ao interesse que nos suscitou, não só a entrevista como o facto deste artigo nos revelar ser o frade Antunes o autor de uma das imagens do Cristo que nós, espíritas, mais conhecemos).

\*

## NA CONQUISTA DA PAZ E DA FELICIDADE

A sabedoria da vida consiste no *conhecimento* perfeito das Leis Divinas, bem como da *prática* das mesmas, a fim de superarmos as injunções adversas e os sofrimentos semeados ao longo do carreiro evolutivo...

Incontáveis criaturas estacionam nas quadras dos brilhos fátuos da ilusão, enviscadas em dores excruciantes, prolongando o estágio nos dolorosos patamares das expiações e dos resgates. Há que se aproveitar o abençoado ensejo de cada encarnação para progredir, passo a passo, na íngreme e áspera senda evolutiva. Não é sem motivo que Jesus nos alertou para as facilidades da *porta larga* e para as dificuldades da *porta estreita*, onde esta última raramente é encontrada, mas que é a única via de acesso aos páramos celestes.

Divaldo Franco conta uma bela e significativa lenda oriental que descreve com peregrina clareza o descuido do ser humano com seus propósitos espirituais dignificadores, quase sempre relegados a segundo plano, pois que são substituídos pelo *canto da sereia* das quimeras e ilusões. Embora não logrando repeti-la com as riquezas dos detalhes da exuberante narrativa do nobre tribuno baiano, seu conteúdo é mais ou menos o seguinte:

“Numa região montanhosa do Oriente, onde se espalham muitas grutas, cansada da viagem, uma mulher com sua criança ao colo pára perto de uma daquelas furnas sombrias, de aspecto desagradável, a fim de descansar... De repente, uma voz convida-a a penetrar o interior da gruta escura, dizendo que lá ela

encontraria muitas preciosidades que poderia carregar de uma só vez para fora e que lhe dariam uma vida tranquila. Mas, havia uma condição: tão logo ela saísse da gruta, uma porta cerraria para sempre a sua entrada.

Com algum receio, mas movida pela perspectiva de uma vida livre de sacrifícios, ela penetra a fuma escura... À medida que aprofunda, uma luz, a princípio difusa, vai-se tornando intensa, até que chega a um grande salão feericamente iluminado onde estavam à sua disposição incontáveis preciosidades: tecidos raros, brocados, pedras preciosas, ouro, prata, etc.... Sem saber por onde começar, ela deixa seu filho comodamente assentado num aconchegante tapete persa e começa a juntar as pedras preciosas... Após alguns instantes, abraçando um peso incrível de preciosidades, ela volta ao exterior e só aí se lembra que deixou seu filho para trás. Tenta voltar correndo, para buscá-lo, mas uma porta fecha para sempre a entrada da gruta...”

Veamos o sentido da lenda: o filho simboliza a encarnação perdida, a porta cerrada simboliza a morte e as jóias o brilho das ilusões.

Na verdade, esta tem sido a nossa história nas reencarnações passadas e provavelmente ainda nesta, onde muitas vezes nos esfalfamos na busca das nonadas e europeis materiais em detrimento dos valores espirituais emancipadores.

Atentemos nesta página de Joanna d'Ângelis, intitulada:

### **DOR E BENÇÃO<sup>1</sup>**

“(...) Não te consideres desventurado, porque o sofrimento te alcançou diminuindo a intensidade festiva da tua quadra de

ilusões... Durante seu curso, recorda os momentos ditosos que passaram e torna menos ásperos estes, que agora te visitam e, da mesma forma, amanhã estará mudada a paisagem aflitiva e te encontrarás mais bem aquinhoado, em razão da experiência que incorporarás às tuas conquistas.

Aprenderás a abençoar a saúde e a valorizar os bens da amizade, os dons do trabalho, prolongando as horas de bem-estar, cultivando pensamentos e atitudes positivas, que te favorecerão com energias e disposição para todos os embates que enfrentarás.

Compreenderás com mais facilidade os alheios padecimentos, tolerando as agressões e disparates de outros indivíduos mais atribulados do que tu, e sentir-te-ás mais humano e sensível aos problemas do próximo, tornando-te, naturalmente, solidário com todos aqueles que te busquem a ajuda ou a simples presença fraternal. Dilatarás a visão a respeito da vida e reflexionarás mais intensivamente sobre a transitoriedade do corpo e o carácter eterno do ser em si mesmo. Descobrirás o sentido dos acontecimentos, assimilando-lhes bem as propostas evolutivas, sem *nadar contra a correnteza*.

Os problemas, naturalmente, chegar-te-ão da mesma forma; no entanto, com esta experiência que proporciona sabedoria, poderás solucioná-los sofrendo menos aflições”, assim conquistando a paz e a felicidade mesmo sob o peso inclemente das vicissitudes de percurso e da canga somática.

1 – FRANCO, Divaldo. *Luz da Esperança*. 3ª ed. Rio de Janeiro: SPIRITA ELDONA: 2002, cap. 10

**ROGÉRIO COELHO**



## O ACENDEDOR DE LAMPIÕES

Mal a noite chegara,  
Ele saía  
A caminhar...  
E acendia,  
Em cada esquina  
Uma luz tão pequenina,  
Que mais parecia  
Um raio de luar...

Percorria quarteirões e quarteirões  
O pobre ‘Acendedor de Lampiões’!

A noite imensa e fria,  
Era um mendigo em farrapos,  
Que aos poucos aparecia  
Todo vestido de trapos...  
De trapos de luz, de luz pequenina,  
Que ele acendia,  
Em cada esquina!...

Regressava ao lar,  
Cansado de tanto caminhar,  
Deixando, lá em baixo,  
A cidade, entre as sombras,  
Toda vestida de luar...

E adormecia, sorrindo e sonhando,  
O bom ‘Acendedor de Lampiões’...

Sonhando  
Que continuava dentro da noite,

Caminhando...  
Derramando  
Gotas de luz em muitos corações,  
E um punhado de ilusões  
Em muita alma  
Que o tédio e a melancolia  
Deixara tão vazia...

Dentro da noite negra e fria,  
O 'Acendedor de Lampiões',  
Ressurgia,  
Na infinita poesia  
De um semeador de sonhos e esperanças,  
Esperanças ingénuas  
Como a luz do luar,  
Como as águas das fontes a cantar...  
Ingénuas esperanças,  
Como o riso alegre de todas as crianças!...

Eu quisera também  
Ser um mago assim,  
Como esse 'Acendedor de Lampiões'!  
E dentro da minha noite sem fim,  
Acender clarões,  
Muitos clarões,  
No meu mundo interior...

***JAIME FERREIRA***

(In : Revista Portuguesa 'Estudos Psíquicos' (já desaparecida),  
Outubro de 1955).

## OUTRA VEZ NATAL!

Gostamos da época natalícia, mas se nos perguntarem porquê, talvez não saibamos responder convenientemente! É como se nesta época, conforme mais e mais o dia de Natal se aproxima, fossemos tocados pela vibração da descida de Jesus à Terra!

É como se todas as pessoas no geral, e cada uma em particular, tivesse a preocupação de ser e fazer o melhor! Há mais alegria no ar... há um riso maior nos olhos que nos fitam... e a compreensão, a indulgência, a tolerância, parece terem conseguido forçar os corações – mesmo os mais empedernidos -, e procurado aninharem-se em todos eles, tentando – talvez – criarem raízes para de lá não mais saírem! Alguns conseguem, outros não...

Depois... acreditando na reencarnação – gostamos de recuar no Tempo, imaginando como terá sido naquela época... O que teríamos sido, também?! Soldados perseguindo o povo... crianças pastoreando o gado... Fiéis, aguardando o anúncio da chegada do Messias que vinha para nos salvar a todos?... Adoradores do Menino, ou seus seguidores, quando a criança se transformou em Homem e começou a Sua missão de ensinar a todos o caminho para o Pai?

Não conseguindo “decifrar” as letras do livro do Passado, por mais que nelas atentemos e insistamos em virar-lhe as páginas... mesmo assim, acalentamos o sonho de que, na nossa ignorância de ser ainda tão mas tão imperfeito, não tenhamos, de maneira nenhuma, sido perseguidores ou cruéis... É que o nome doce da Criança – JESUS – toca-nos de tal maneira que

gostaríamos de percorrer as ruas, cantando e chamando por Ele, sentindo que onde quer que estivesse Ele nos escutaria SEMPRE, enquanto lhe pedíssemos que olhasse por aquele velhinho, que procura numa maca de um qualquer Hospital, o calor que o corpo necessita para os dias mais frios do inverno, e inventa uma e outra dor para que ali o deixem ficar! – enquanto que a dor maior será, talvez, a da solidão!...

... Que reparasse na tristeza daqueles pais abandonados, que tudo deram e sacrificaram pelos filhos... e sentem agora o seu desprezo, como se nada tivessem feito de útil ao longo de toda a existência, enquanto amaram e amaram os seres que ora os repudiam!...

... Que apagasse a mágoa daqueles outros pais, que escutam os filhinhos chorarem com fome... e não têm mais que vender ou trocar por uma côdea de pão que os alimente... e ainda daqueles outros, a quem falta o agasalho para si e para os seus, e buscam, debaixo das arcadas de uma ponte, a protecção da chuva que cai – que não a do frio, que esse entra por qualquer lado e entranha-se-lhe nos ossos...

... Que abafasse a dor do coração do cientista, que durante dias e dias, meses e anos, se debruçou na mesa de experiências do laboratório, intentando um remédio que acabasse com todas aquelas doenças tão sofridas... e vê agora a sua invenção ser comercializada pelos mecenas que apenas querem aumentar o volume amoedado nos cofres e sacodem a cabeça ao pensamento comodativo que lhes recorda aqueles outros, que necessitam do mesmo medicamento e não têm meios para o adquirir!

... Que tomasse no seu regaço todas as crianças sofridas, maltratadas, roubadas e vilipendiadas, e as acalentasse ao seu

coração de Irmão Maior, garantindo-lhes que mais nenhum mal as perseguiria...

... Que lembrasse, enfim, para todas as criaturas, o Amor pelo próximo, incentivando-as de novo a amar, como Ele mesmo o fez enquanto na Terra – para que o Planeta tão sofrido por todos os seus habitantes pudesse tornar-se, finalmente, o mundo de Paz e Harmonia que Ele incentivou todos os homens a criarem... quando aprendessem a amar!

... E então, nós pedir-lhe-íamos, humildemente, silenciosamente, olhando-O apenas – porque Ele sabe ler no coração e nos olhos de todas as criaturas -, que nos ensinasse o Amor que um dia perdemos, despreocupadamente, numa qualquer viela de uma das nossas existências... sem sabermos onde o procurarmos agora!

É urgente encontrarmos o Amor – e sabemos que, quando o reencontrarmos, a Humanidade será finalmente feliz, numa felicidade feita da amálgama de todos os sentimentos que Ele nos manifestou mas não conseguimos ainda perceber! É urgente... abriremos os corações e escutarmos as palavras com que, há dois mil anos, Ele tocou os corações do povo sofrido e simples que O seguiu; amá-IO – como foi amado então – e segui-IO, sem que nenhum de nós se preocupe com novas arenas ou coliseus – que só existem na mente de cada um – porque, enquanto assim não for, a Humanidade continuará a sofrer e a procurar em vão o caminho da paz de cada um!

É preciso que a comemoração do Natal seja a do Natal com Jesus!

**MANUELA VASCONCELOS**

## CONFISSÃO

Procurei-Te na escuridão dos caminhos!  
Eu era o viajante sedento  
De uma sombra, de água, de alento,  
Quase tombado no caminhar...  
Que ao oásis intenta chegar!  
E Tu, no Teu mistério que não entendo,  
Acenavas, quase não movendo  
A mão que de longe estendias...  
Enquanto me sorrias!  
E foi assim... dia após dia!  
Atravessei o mundo, procurando  
A paz que não estava lá! Viajando,  
Fui perdendo energias...  
E Tu sorrias!  
Hoje, não quero mais honrarias  
Nem posições de destaque. Sou outro ser,  
A quem a Vida deu nova razão de viver,  
E a paz que quero é a da Alma,  
Na noite dos anos, que prevejo calma!  
Procurei-Te, na escuridão dos caminhos  
E afinal estiveste sempre tão perto!  
E a minha escuridão, o meu deserto,  
Fui eu apenas que os construí...  
Enquanto de Ti fugi!  
Procuro-Te – finalmente - nas estrelas!  
E o sopro do vento, que passa brando,  
Traz-me a Tua voz, num suplicando  
De Amor que em vão busquei  
E só agora achei!...

Do encontro chegou a hora... Para entregar-Te,  
Apenas posso dar-Te um coração amargurado,  
Tão cansado !,  
E recordar-Te, nas palavras de amor que deixaste  
E perduram para além do Tempo e da Luz,  
Oh doce Jesus!  
- ‘ Vinde a Mim, vós outros que estais cansados...’  
E eu vou, Senhor, eu vou!  
Eu vou, Senhor, com Amor!

*MANUELA*

\*

## **NÃO PODIA NASCER MAIS POBRE**

Nada há tão grande como a humildade. A humildade vence todas as tiranias, destrói todas as dificuldades. A humildade é irmã gémea da persistência, filha dilecta da força.

Quantos humildes tens tu visto cair? Nenhum. E quantos engrandecidos tens visto precipitados do pedestal onde se supunham eternos? Nem eu sei!

Humilde nasceu Jesus; humilde viveu e humilde passou no mundo. E não há maior grandeza do que essa humildade. De todos os grandes da Terra, em todos os séculos dos séculos, nenhum se lhe compara.

Dentre esses grandes ainda são relativamente grandes só os que se lhe humilharam e lhe seguiram o exemplo. Só na humilhação encontraram grandeza, como só em Jesus encontraram a humildade. O filho dilecto de Deus podia ser o maior da Terra, visto que era o representante, o escolhido, o eleito do maior do universo. Podia, mas não foi. Podia, mas não quis. Não quis, porque não devia.

Grande, não se distanciava dos grandes. A sua palavra seria somente perdida em terra estéril. A sua grandeza aniquilava a sua obra, tolhia a sua acção, desvirtuava o seu fim.

Quis-se humilde entre os humildes; simples entre os simples. A sua acção foi como a do roble. Nasceu da terra, de baixo. O roble ao nascer pode ser destruído por um insecto ou partido por uma criança. Não sendo destruído, cresce, eleva-se, braceja, deita pernadas e franças, enraíza no solo, procura nas camadas ínfimas, subterrâneas, profundas, o suco com que se revigora, com que alimenta as folhas, com que as faz luzir e medrar, com que fortalece as raízes e os troncos; e passados tempos nem o vendaval consegue molestá-lo. Cristo foi o mesmo. Começou pelas camadas populares, humildes na sua origem, miseráveis no seu sofrimento, simples na sua fé, inigualáveis na sua força. Aí nasceu o rebento da sua doutrina; aí se fortaleceu, aí frutificou, e daí subiu elevando-se, robustecendo-se, estendendo os braços, desafiando os vendavais e abrigando aqueles que se acolhem à sua sombra. Partiu de baixo para cima, dos alicerces para o cume, do nadir para o zénite.

Se tivesse começado por de cima, seria contra todas as leis naturais, e a sua obra não persistiria.



De cima para baixo, só a luz do sol; mas esta persiste somente enquanto a Terra se coloca perpendicular ao foco radiante. Quando a Terra, na sua giratória permanente, lhe sai do foco, a luz desaparece. Assim, partindo dela própria, e estando nela sempre, a sua acção é duradoura; a sua iluminação é permanente. Se o sol em vez de iluminar de cima tivesse iluminado na própria Terra, a sua acção seria constante.

Se Jesus tivesse feito como o sol, a sua acção seria sujeita a várias fases e a vários acidentes. Assim, ele fez o contrário; nasceu na humildade, e radicou-se, consolidou-se na humildade, e essa humildade o enviou à grandeza, como à grandeza ele enviará todos os que forem humildes.

Ninguém foi mais simples e mais humilde do que ele; mas ninguém como ele é tão grande e tão simples. Simples e humilde, porque é a verdade; simples e humilde, porque é o exemplo.

Quem o imitar na sua humildade encontrará a elevação.

Não há acto mundano que nos leve à ponderação como o nascimento de Jesus.

Seus pais tiveram que deixar a sua terra e o seu lar, para irem a terras estranhas fazer nascer aquele que havia de redimir o mundo. E para quê? Para que se cumprissem as profecias. Era preciso que o que havia de dar lugar a todos na grande causa de Deus, nascesse sem lar e sem abrigo. O que havia de dominar os grandes tinha de manifestar-se tão pequeno que havia de nascer ao desabrigo, entre os simples e entre os brutos. E assim tinha de ser para escapar à maldade, para que o insecto o não destruísse à nascença.

Não podia nascer mais pobre. Se nascesse na rua, ainda teria por tecto o céu e por luz as estrelas; assim, nascendo em uma gruta, não tinha por tecto senão as pedras negras e não teria por luz senão o frouxo clarão de alguma lanterna lóbrega. Por cama, palhas; por conforto, palhas.

Ao entrar no mundo, encontrou só o desabrigo, só o desconforto. Aquele que havia de ser o abrigo e o conforto universal, encontrava-se desabrigado e desconfortado como ninguém, na ocasião em que até as aves têm o conforto dos ninhos e as feras o conforto dos covis.

Porquê? Era porque o Pai queria que o mundo visse que o seu Filho muito amado, que podia nascer em berço de ouro, e ser coberto de brocados recamados de ouro, nascia nas palhas para exemplificar aos filhos dos homens que não é no ouro nem nos brocados que está a virtude e a grandeza. Queria demonstrar que a grandeza e a virtude são incompatíveis, como o sol com a lua. Se chegam a passar a par ofuscam-se e eclipsam-se.

Jesus foi gerado humilde, nascido humilde e viveu humilde, para nos demonstrar que quem quiser ser querido de Deus como o seu filho dilecto, tem de ser humilde, viver humilde e morrer humilde.

Na humanidade, ninguém foi mais digno, mais nobre, maior e mais querido do que ele. O filho de Deus foi humilde, mas foi filho de Deus. Ninguém como ele foi ou será digno; ninguém teve mais majestade, na sua simplicidade.

Os pequeninos e os leprosos, as mulheres e os velhos, acercavam-se dele como de um igual; os grandes e os poderosos temiam-no e respeitavam-no como a um juiz e a um vingador. Ele

ainda é humilde; e tão humilde que o adoram nú e pregado numa cruz, como um criminoso; mas os potentados da Terra, curvam a sua grandeza e o seu nada à vista daquele desnudado e daquele supliciado.

A heresia, por mais encorajada que se sinta, não olha de frente aquele corpo chaguento e açoitado, mais pobre que o mais vulgar ladrão, mais infeliz que o mais refalsado criminoso. Ao criminoso, faz-se justiça; Jesus foi menos que ele, porque se lhe negou a justiça. Nasceu sem lar e sem conforto, e morreu sem cobertura e sem justiça. Viu-se já alguém com sorte mais mofina? Ninguém.

E porque havia de ter tão miserável princípio e fim aquele que era filho de Deus, e o maior que a memória dos homens regista? Porque a sua doutrina havia de ser pregada e exemplificada; e assim como é ela a maior que tem vindo ao mundo, o exemplo havia também de ser o maior.

Em Jesus tudo foi desmarcado: a humildade e a grandeza; o sofrimento e a santidade; a doutrina e o exemplo. Ele foi, em verdade, o filho de Deus; ele como filho de Deus é a Verdade. Da sua palavra e da sua acção ressalta a verdade, como ressalta a chispa da pederneira ferida pelo fuzil.

Como seria crível, se não fosse assim? Quem lhe acreditaria a paz e o amor pregado, se ele o não exemplificasse na sua candura de simples, na sua sabedoria de justo, na sua abnegação de humildade?

Jesus, sem a gruta de Belém, não seria Jesus.

Imitemo-lo. Sejam humildes, sinceramente humildes, que Ele nos guindará a seu par. Isto nos ensina o dia de hoje na sua estranha significação, como acto claro e iniludível de Nosso Pai, e como exemplo do nosso Mestre.

***PADRE ANTÓNIO VIEIRA***

(In : ‘Do País da Luz’, vol. I, cap. XXX. Psicografia do médium português, Fernando de Lacerda).

\*

*A COMUNHÃO – Centro Espírita e Revista –  
e todos os seus colaboradores, desejam aos seus leitores*

***UM SANTO E FELIZ NATAL***

***A PROLONGAR-SE POR TODO O ANO DE***

***2017***

***PORQUE NATAL É SEMPRE QUE O HOMEM QUISE!***

***FELIZ NATAL, COM JESUS!***

\*